

MEMORIAL – CENTRO CULTURAL

O conjunto arquitetônico proposto situa-se em uma extensa fissura do tecido urbano de Maringá, município brasileiro localizado no Paraná, gerada através do processo de esvaziamento e desocupação industrial da Zona 10. A área se encontra próxima de duas zonas residenciais, área central, rodoviária e também rente ao principal trecho rodoviário que atravessa a cidade, tornando-se, portanto, um local de acesso privilegiado.



Figura 1 - Inserção Urbana

Projetada em 1945 pelo urbanista Jorge de Macedo Vieira, a Zona 10 comportava o antigo parque industrial de Maringá. Em 1962, uma das primeiras indústrias de capital estrangeiro, a Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro S.A. (SANBRA), se instalou no local. Seus silos arredondados se destacavam na paisagem da época e funcionavam até como referência para aviadores sobrevoando a região. A sirene dos funcionários funcionava como relógio alternativo da comunidade e a chaminé, símbolo de desenvolvimento até então, podia ser avistada de longe. O impacto social, econômico e visual na sociedade era imenso, a fábrica era uma potência. A SANBRA encerrou as atividades em 1993 e suas ações foram adquiridas por outras empresas. Em 2005, após a transferência para o novo parque industrial, o terreno foi vendido para um empresário local e, desde então, a área se mantém como cenário de

marginalização e abandono. De acordo com moradores, há um conjunto de problemas sociais e infraestruturais vulnerabilizando o território, como ausência de iluminação pública, vandalismo, prática de atividades ilícitas e prostituição, por exemplo. Em vista disso, observa-se certa rejeição por parte da população que, mesmo recordando saudosamente o auge deste marco da história de Maringá, evita se apropriar de um espaço considerado inseguro e totalmente desintegrado da cidade.

O terreno eleito encontra-se em uma área sem uso cercada por comércios e serviços. Trata-se de lote plano, com extensão total de 172.110,63 m², no qual as edificações remanescentes, mesmo deterioradas, tornaram-se pontos referenciais. A utilização destes espaços para práticas informacionais e ações culturais surge então como oportunidade de requalificar um grande vazio urbano através da reintegração dos cidadãos com sua própria história, conservando-o e valorizando-o como patrimônio documental, memorial e social, além de possibilitar uma forma de acesso à cultura através de um conjunto representativo das memórias, musealizando a paisagem.

Considerando que há certo receio com a própria palavra *cultura*, por remeter ao dever e à elitização, procura-se uma transição sutil entre o lazer, o esporte e a cultura como forma de cativar os usuários. Deste modo, além de evitar separações físicas, sugere-se um percurso (marquise e pista de caminhada) onde planos transparentes revelam espaços e atividades, promovendo a continuidade urbana e priorizando a escala do pedestre, juntamente a artifícios urbanísticos para maior segurança nas vias de alto tráfego de veículos, como cruzamentos elevados ao nível da calçada, esquinas curvas e sobressalentes (maior visibilidade dos pedestres), bolsão e corredor para transporte coletivo.

Com propósito de melhorar a setorização e ordenação, as atividades foram agrupadas de acordo com as principais intenções de um Centro Cultural: *convidar, informar, discutir e criar*. Deste modo, as práticas associadas ao lazer e atração (praças, mobiliário urbano, cinema ao ar livre e pomar) localizam-se

nas extremidades, graduando os usos. Estes espaços do *entre*, sem usos pré-definidos, funcionam como suporte, potencializando o acolhimento. Já os ambientes pertinentes ao acesso à informação (biblioteca, centro multimídia, exposição de artes visuais, concha acústica e teatros) estão reunidos nos antigos silos e em edifício adjacente, ao longo do mesmo eixo. As atividades que fomentam a reflexão, crítica e integração (auditórios, salas de reuniões e restaurante) se agrupam com o setor administrativo em um grande pavimento, em eixo contrário ao anterior, onde se situam também as edificações de produção e transformação do conhecimento (escola de circo, oficinas, salas de treinamentos, laboratórios e estúdios). Formula-se, assim, uma programação abrangente e inclusiva que contempla às diversas faixas etárias e sociais.

Em consequência da má conservação estrutural das três construções mantidas, apenas seus invólucros foram restaurados, inserindo um esqueleto metálico leve que, além de reduzir as cargas nas bases, propicia maior flexibilidade e possibilidade de adaptações ao longo do tempo. Além disso, a aplicação desta tecnologia construtiva de modo aparente em todos os edifícios do complexo acaba por ampliar a expressão de modernidade característica das construções industriais, estreitamente ligadas a processos tecnológicos e de mecanização.

Nos novos edifícios, enfatiza-se a continuidade visual, através de faces permeáveis e elementos vazados que permitem maior conexão interior-exterior ao mesmo tempo em que atuam como auxiliares da ventilação e da iluminação. A identidade plástica do contexto também é conservada através de recursos que possuem tanto atributos estéticos como vantagens do ponto de vista de amenização climática: aberturas na cobertura e preferências por vedação com materiais isolantes, como o tijolo aparente. Em função da facilidade em vencer grandes vãos, a utilização do aço também foi indispensável em espaços como a escola de circo, os antigos silos e a marquise. Nesta última, o uso permite também a inserção de pilares esbeltos e discretos, evidenciando a cobertura treliçada, que parece flutuar.